



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	\$-	\$-
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$-	\$-

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1229

20 de Fevereiro de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

«Porque é que tu me matas? — Ora, não moras tu do outro lado do rio? Meu amigo, se moras deste lado, eu seria um assassino e seria injusto que te matasse; mas visto que moras do outro lado, eu sou um valente e isto é justo.»

Soltou estas palavras, num momento de angustioso scepticismo, Pascal — essa Inteligencia desventurada e altissima. Desde então, a frase correu mundo, acolhida diferentemente, diferentemente interpretada, assimilada a condições intellectuais de momento. As periodicas gazetas que se dizem avançadas e libertas, relevam-na a grosso italico e anotam-na veementemente. E gestos largos a sublinham, e vozes roucas a berram, nos comicios tumultuarios.

Entretanto, de todos que, a miude, repetem a frase célebre, poucos quizeram atentar no sentido simplíssimo e verdadeiro que ella encerra.

Antes, pelo contrario, a complicam, a desfiguram e dela abstráem interpretações extremas.

De resto, isto é bem natural. Se as grandes multidões aceitam uma proposição — poderemos estar certos de que é essencialmente falsa, inda que revestida dumas apparencias de comezinha logica, ou transfigurada no seu sentido essencial e íntimo.

E' assim que as palavras nítidas de Pascal, assimiladas por cérebros desprevenidos, incítam a furias demagogicas e anarquicas ou desleixam numa indolencia antipatriotica lamentavel.

Acima das nações está a Humanidade! — exclamam em brado unisono.

Isto quer dizer — inda que nem todos concordem com esta pormenorisação, embuída do *pre-conceito*... antigo — que acima do indivíduo está o grupo, acima do grupo, a casta, acima da cas-

ta, a sociedade, acima da sociedade, a patria ou raça, e acima da raça ou da patria está a Humanidade.

A Humanidade!

De relance, esta opinião assaz intelectualista compraz; mas, na realidade, não se acomoda ás exigencias do pobre sêr humano que é, hoje e sempre, dum irracionalismo féro e intransigente.

O míserimo Indivíduo, obedecendo cegamente ás necessidades impignaveis do seu sêr, não se afeiçoa a sacrificar-se pela ideia metafisica e extranha de Humanidade. Mais sedutora e prestigiosa era e é, indubitavelmente, a idéa altissima de Deus, que, todavia não pode dominar as rebeltas instinctivas e insistentes do Indivíduo.

E' que o espirito só tem por míster — obedecer ao sentimento. O instinto só obedece á intelligencia quando esta se lhe conforma.

Só se vence a natureza — obedecendo-lhe. Nas profundas interioridades do nosso sêr, ha,

A GUERRA DOS BALKANS



AS MANIFESTAÇÕES DOS JOVENS TURCOS EM FRENTE DA SUBLIME PORTA ONDE FOI ASSASSINADO NAZIM PACHA

sempre. indiviso, inconfundível e vigilante, o — Eu — que nos enche e impulsiona e impõe.

Um egoísmo irredutível é essencial na natureza humana. E por isso o instinto da conservação é o instinto primordial e primacial.

A inteligência, conformando-se-lhe, só tem de esclarecê-lo e orientá-lo.

O Egoísmo — no sentido filosófico da palavra — a teoria do Eu, é, pois, o fulcro de toda a doutrina social, o ponto mais elevado da escala humana.

Sem o Eu não existiria o Indivíduo, assim como sem o Indivíduo não existiria a Humanidade.

Egoísmo — e não já o Egotismo — a teoria do Eu-Deus, do Eu-Infinito — adoração do Eu, que é já um desvio anômalo e mórbido da teoria.

E assim, a opinião tão banal, tão vulgarmente aceite e debatida, dos humanitaristas veementes e incorrigíveis cosmopolitas, é risivelmente ingénua.

Evidentemente, acima da Humanidade está a patria, acima da patria, a região, e — levando corajosamente a logica até ás ultimas consequências — acima da região, a família, e acima da família, o Indivíduo. Mas examinemos...

O indivíduo, por si só, não existe. O indivíduo não existe isolado em plena natureza. Olha em volta e cria afeições. E as afeições que cria, são desdobramentos da sua propria individualidade. E as personalidades que chama a si e ama, fazem parte complementar e imprescindível da sua propria personalidade. E os espíritos que, por um fluido de simpatia correm em volta do seu espírito, são parte integrante e inalienável do seu proprio espírito.

O indivíduo desdobra-se na família.

O indivíduo desdobra-se no grupo dos seus amigos.

E ofender um amigo — é ofender-se a si proprio.

E defender a família — é defender o indivíduo, e vice-versa.

O Eu-Simples transforma-se espontaneamente e imediatamente no Eu-Família.

E notando que nós só nos poderemos ligar a quem nos atráia por afinidades mentais e sentimentais, criadas por condições de lugar e tempo, em simpatia pura ou interesse mutuo, facilmente se conclue que breve o Eu-Família se tornaria Eu-Raça ou Eu-Patria.

E' claro que neste prolongamento indefinido de si proprio, o Indivíduo vai perdendo, pouco a pouco, a sua intensidade primitiva que, todavia, guarda sempre, avaramente, vigilantemente no ponto central do seu circulo de acção — Eu-Simples.

Humanidade — é uma ideia extranha e desnecessaria, obtida, *par surcroît*, de intelectualistas em desvario.

A teoria da patria é ainda, não somente, aceitavel, hoje, mas urgentissima.

De resto, rasões de outra ordem vêm reforçar esta afirmação. O individuo cria afeição, não somente ás criaturas amantes e diligentes que o viram crescer, mas tambem ao torrão natal, ás primeiras arvores que viu florir, ao regato de aguas claras onde menino e môço se ia mirar, aos horisontes largos por onde o seu olhar se espraiou como onda languida de luz...

A sua retina fixou côres que jamais se apagam.

Ao longe, na sua terra, á beira dum caminho, numa clareira relvosa, ha uma cisterna onde, ás horas do crepusculo, se lá assentar esperando certa rapariga de sorriso ingenuo e olhos candidos. Ha uma canção rustica que nunca esqueceu. Jornadeando, ao longe, fita carinhosamente um detalhe de paisagem que lhe recorda a sua terra. A imagem do seu torrão natal dança-lhe na suavissima nostalgia do olhar, pelas estancias mais remotas.

Este sentimento indefinível de amôr á patria, á região, ao lar, — analisaram-no bem observadores subtis e em paginas de maravilhas o disseram. Chateaubriand — encantadôr mago da palavra — notou-o finamente.

O homem é uma arvore-andante.

Pode caminhar e exilar o corpo na longinquidade das estranhas; mas raizes d'alma ficam-lhe ainda nessa região bem-amada onde nasceu e cresceu em paz. Os encantos dos paizes maravilhosos não lhe preenchem o vago da alma que sangra de saudades.

Portanto, o Indivíduo, conglobando no seu abraço de simpatia, a família-eleita, paira sobre a terra onde cresceu e amou. A sua afeição, agora, é já um novo aspecto do egoísmo profundo e irreprimível.

Dizei ao pastôr da Serra da Estrela que abandone a misera cabana que ele construiu, numa

tarde de sol, com os seixos da sua terra e a palha das suas leivas e vá de longada por esse mundo maravilhoso que lhe é estranho e indiferente.

Desenraizado de sua aldeia, frá caminhando distraído e nostálgico e de onde a onde numa elevação de colina, o seu olhar, a subitas, resplandecerá de lagrimas furtivas, e procurará, a seu pezar, o altissimo pico da Serra onde a sua alma fez nínhada.

Seria esta noção nítida e simples das coisas que guiou o espírito delicado e vigoroso de Maurice Barrès dum egotismo nihilista que exasperava e ensoberbecia, a um egoísmo de raça e de patria que, na verdade, significa puro amôr fraterno.

O patriotismo é, pois, um sentimento profundamente radicado no coração humano, veementissimo e eterno, — e não uma teoria engenhosa, atrazada e suspeita que capitalistas burlões e exploradôres inventaram para salvaguarda de vaidades e interesses particulares.

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

Como vimos, os jovens turcos haviam planeado dar um golpe d'estado no momento preciso em que o governo de *Kiamil pachá* tratava de redigir a resposta á nota collectiva das potencias, consentindo na cedencia de Adrianopla aos bulgaros.

O dirigente do movimento foi o coronel *Enver bey*, chefe do grupo *União e Progresso* e que na Tripolitana e na Cyrenaica se distinguira valentemente, organisando a resistencia dos arabes contra a Italia. E' conhecido pelo *homem das revoluções*, pois que foi este quem promoveu a revolta de 23 de julho de 1908, que deu uma Constituição á Turquia, e a de 13 d'abril de 1909, de que resultou a abdicção de Abdul Hamid.

Quando estava reunido o conselho, grande multidão irrompeu em ruidosas manifestações no vestibulo da *Sublime Porta*. *Enver bey* e *Talaat bey* penetraram na sala anterior á da presidencia sendo detidos por *Nafiz bey*, ajudante de campo do grão-vizir. Trocam-se tiros, ao ruido dos quaes acorre *Naçim pachá*, acompanhado do seu ajudante *Kabris bey* e do capitão *Tewfik Kewprili*.

Vendo prostrado *Nafiz bey*, o generalissimo exclama: «cobardes! cães! assassinos!» Ao mesmo tempo dá um tiro em *Mustapha Nedjib bey*, que, por seu turno, attinge *Nazim pachá*. Outros companheiros d'*Enver bey* e elle proprio respondem ao tiro, de modo que num instante apparecem cinco cadaveres.

Enver bey não perde tempo: — entra na sala do conselho e intima o grão-vizir a demittir-se, em razão do levantamento popular contra a sua politica. *Kiamil pachá*, depois de ter reflectido por alguns instantes, diz: — «*Venham occupar o meu logar aquelles que querem a guerra.*» Escreve depois a carta de demissão, na qual declara que, visto os soldados quererem a continuação da guerra, é obrigado a demittir-se.

Esta carta é entregue ao Sultão pelo proprio *Enver bey*.

Segue-se a demissão do governo de *Kiamil pachá*, que é substituido por *Mahmud Chevket*, pachá, grão-vizir e ministro da guerra, posto que abandonou em julho ultimo. *Mahmud Chevket pachá* nasceu em Bagdad em 1844; foi o chefe da *revolução joven turca*.

Os jovens turcos declaram que neste golpe tiveram em mira apenas a salvação da honra da Turquia e a conservação de Adrianopla e que o movimento tinha tambem um caracter religioso, porquanto doze dias antes haviam apparecido em Stambul uns cartazes da associação dos *ulemas* em que se atava *Kiamil* e se reclama a guerra á *outrance*. Affirmam que a attitude das potencias a proposito da guerra balkanica provocou explosões de odio dos mussulmanos e sobretudo dos *hodjas* contra europeus e christãos.

Constituido rapidamente o novo governo, em que se destaca apenas *Mahmud Chevket*, pois que os restantes ministros são verdadeiros comparsas, surgiram graves motins, prisões em massa e represalias de toda a ordem. *Kiamil pachá* e o an-

tigo *chuc-ul-islam* fôram guardados á vista. Disse-se que o golpe era obra inspirada pela Alemanha; que o novo grão-vizir havia sido o homem por excellencia do *marchal von der Goltz pachá*, e que deixára optimas relações na Alemanha, principalmente na fabrica Mauser, em Oberdorf, que *Kiamil pachá* era anglophilo e como tal, se inclinava para a *triplice entente*, que *Enver bey* é discipulo da escola allemã e fôra addido militar turco em Berlim; que o primeiro acto do novo governo fôra contractar um emprestimo com o *Deutsch Bank*, dando como garantia o metropolitano de Constantinopla.

No proprio dia 23 chegou a *Tchataldja* a noticia da morte do generalissimo *Nazim pachá*, que usava de grande prestigio no exercito, sendo cognominado, com razão, o *Kitchour da Turquia*. Os seus partidarios pretendem vingar a sua tragica morte. Travam-se serios combates, havendo muitos mortos e feridos que são removidos para *Santo Stephano*. D'aqui resulta a divisão do exercito e, portanto, o agravamento da situação.

Em 29 os plenipotenciarios dos Estanos alliados entregam á delegação ottomana a nota de rompimento de armistício, em que declaram que os acontecimentos de Constantinopla veem afastar a esperança de que se chegue á conclusão da paz e que as negociações iniciadas em 16 de dezembro, em Londres, ficam interrompidas. Comunicação identica se faz a *Sir Edward Grey*.

No dia 3 do corrente, ás 7 da tarde, rompem de novo as hostilidades, tendo a respectiva notificação sido feita em 30 de janeiro pelo generalissimo *Savoff a Izzet pachá*, commandante em chefe do exercito de *Tchataldja*.

Em 29, *Savoff* dirigira ao seu exercito a seguinte ordem do dia: «Pela marcha das negociações para a paz, torna-se evidente que o inimigo não quer ceder uma pollegada da terra conquistada pelas nossas armas victoriosas; quer, com um traço de penna, destruir tudo quanto foi ganho por vós e pelos vossos irmãos. Os heroes de *Kirk-Kilisse*, de *Bunar Hissar*, de *Lule-Burgas* e de *Tchataldja* não-de deixar impune essa affronta ao glorioso exercito bulgaro?»

«Preparaes-vos pois para novas victorias e com o vosso entusiasmo irresistivel demonstraes ao inimigo e ao mundo inteiro que a patria bulgara merece mais attensões.»

A resposta do governo de *Mahmud Chevket pachá* á nota das potencias foi publicada no dia 30. Não differê muito da que havia sido redigida pelo ministerio de *Kiamil pachá*, pois que nesta se offercia a neutralização de Adrianopla, com um governador mussulmano, emquanto naquella se cede a parte sita na margem direita do *Maritza*.

«Estando situadas — diz a nota — na margem esquerda as mesquitas, os mausoleus e outros monumentos historicos e religiosos, a conservação d'essa parte da cidade sob a soberania ottomana é de absoluta necessidade para o governo imperial, que não poderia renunciar a ella sem provocar uma commoção que teria gravissimas consequências.»

A posse de Adrianopla é pois o pomo da discordia, aggravada agora pela violencia dos jovens turcos, que precipitam os acontecimentos. Começam de novo os combates, se bem que em *Scutari* e *Janina* nunca se tivessem cessado as hostilidades.

Em *Tchataldja* encontram-se 250:000 turcos, espalhados pelas regiões de *Hademkeni* (160:000), *Ismil* (50:000) e *Gallipoli* (40:000).

Em face d'elles acha-se o exercito bulgaro cuja massa principal está entre a via ferrea e o lago de *Derkos*, tendo o quartel general em *Tcherkesskeni*, a nordeste de *Tchorlu*. Conta 170:000 homens. Tem um corpo de apoio de 30:000 homens postado na região do *Kara-Su*, entre *Bahtcheskeni* e *Bujuk-Tchekmedje*, e um exercito de reserva de 60:000 homens.

Ha, portanto, equilibrio no numero dos adversarios. Mas no fundo, a inferioridade turca é evidente, se attendermos aos vicios de organização revelados no exercito durante a primeira parte da campanha, as perdas de material, a falta de munições, a repercussão do golpe de Estado de 23 de janeiro, a mudança de commando após o assassinato de *Nazim pachá*.

Do lado dos bulgaros as probabilidades de victoria augmentam attendendo á sua combinação com os gregos para uma operação na península de *Gallipoli*. Bulgaros e servios, em numero de 80:000, cercam *Adrianopla*, defendida heroicamente por 40:000 turcos commandados por *Chukri pachá*. Este valente mussulmano, ao saber que o governo pensava na cedencia de *Adrianopla* á *Bulgaria*, exclamou: — «Opponho-me a isso. Se me ordenarem a rendição, farei sahir de *Adrianopla* a população civil, e, logo que estejam aban-

donadas todas as casas e todas as mesquitas, apontarei a umas e outras os meus canhões e reduzirei a cidade a um montão de cinzas. Depois sustentarei a lucta nas fortalezas e nos reductos enquanto tiver um soldado e um cartucho, na certeza de que os bulgaros não me hão-de apañar vivo.»

Os bulgaros, em vez de avançarem sobre Tchataldja, afastaram-se com o fito de attrahirem os turcos para campo raso, onde lhes seria facil batê-los.

O campo de acção deslocou-se porém para Gallipoli onde o exercito turco, sob o commando de *Fethy bey*, soffreu nm grande revês logo no dia seguinte ao do rompimento das hostilidades. No dia 8 trava-se uma formidavel batalha entre *Kavak* e *Bulair*, na qual seis mil filhos de Allah perdem a vida. Diz se que foi a segunda derrota turca, apoz a qual o governo da Sublime Porta recorrerá á intervenção das potencias.

Os montenegrinos ganharam terreno, apossando-se de Bardagnole, apoz um combate que durou tres dias, com perda de 4.000 turcos e 2.500 montenegrinos, entre os mortos e feridos.

Hakki pachá e Noradunghian effendi partem em missão de governo para negociarem a paz, mas até agora a sua acção é nulla. Espera se ainda a sorte das armas.

O imperador Francisco José da Austria-Hungria, dirige as suas vistas para a Russia, encarregando o principe Godofredo de Hohenloh de levar ao czar Nicolau uma carta autographa, que teve cordeal acolhimento, parecendo que se melhoraram as relações entre as côrtes de Vienna e de S. Petersburgo, de modo a entrar-se no caminho da desmobilização.

A posse de Scutari pela Albania continua a ser defendida pela Austria, ao passo que a Russia insiste para que essa cidade seja montenegrina.

Os bulgaros estão animados do desejo de irem dictar a paz em Constantinopla, e será possível, attendendo ao seu avanço pela península de Gallipoli. O peor é o receio de que surja uma *questão de Marmara*, a que se seguiria a de *Constantinopla* e dos *Estreitos*, pontos melindrosos, que poriam em lucta as grandes potencias.

Entretanto vae-se notando na Turquia um evidente desprezo pelos jovens turcos, a mittindo-se que o attentado de 23 de janeiro foi um erro inconcebível. O actual ministerio vê-se entre a espada e a parede: — não pôde manter as promessas feitas e terá mais tarde de affrontar a vingança dos kiamilistas e dos nazinnistas.

As difficuldades financeiras aggravam-se; a Turquia, enquanto não assignar a paz, não tem quem lhe empreste um ceutil. Os funcionarios e soldados, sem pret ha dois mezes, manifestam-se em frente do ministerio da guerra, apodando os jovens turcos de ladrões, assassinos, ambiciosos

Lisboa, 16 - 2 - 1913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



A Comissão Administrativa do municipio de Lisboa

A camara municipal eleita pelo povo de Lisboa em 1908, pouco depois dos acontecimentos que naquele ano enlutaram a nação e sob a presidencia do governo do sr. Ferreira do Amaral, teve que resignar seu mandato ao fim de bons quatro anos de gerencia efétiva, em virtude de um conflito estabelecido entre a mesma vereação e o governo do sr. Duarte Leite, por causa do novo mercado do peixe, assunto bem conhecido do publico e ao qual esta revista se referiu em seu n.º 1222 de 10 de dezembro de 1912.

Essa camara, tendo por presidente o sr. Anselmo Braamcamp Freire, compunha-se ultimamente dos seguintes vereadores em efétividade:

srs. Carlos Alves, Nunes Loureiro, Verissimo d'Almeida, Dias Ferreira, dr. Afonso de Lemos, Agostinho Fortes, Alberto Marques e Ramos Simões.

A falta da aprovação e da conversão em lei do novo codigo administrativo e da nova lei eleitoral, não permitiu que se fizessem eleições, em devido tempo, de camaras municipais, e assim a Camara de Lisboa, como a de outros municipios do país, se conservou além do trienio da lei, demitindo-se agora acidentalmente.

Esta camara não obstante ter sido eleita no antigo regimen, era republicana e a sua eleição foi o primeiro avanço ostensivo da Republica em nosso país e do ideal, pelo menos, do povo de Lisboa.

No entanto, agora o governo, nomeiou uma comissão administrativa para dirigir os negocios municipais, interinamente, até que se realizem as eleições, que, ao certo, não se sabe quando serão.

Esta comissão, composta dos srs. coronel Correia Barreto, presidente, Apolinario Pereira, João



Apolinario Pereira, Dr. Acacio Furtado, Dr. Jayme Salazar de Sousa, João Camara Pestana, Guilherme Saraiva Lima, Antonio Alves de Matos, Coronel Correia Barreto (presidente), Ricardo Covões, Artur Cohen, F. Carlos Parente, Manuel Pereira Dias, A. José Correia, J. M. Alves Torgo.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICIPIO DE LISBOA NOMEADA PELO GOVERNO

da Camara Pestana, dr. Salazar de Sousa, Acacio de Almeida Furtado, Guilherme Saraiva Lima, Antonio Alves de Matos, Ricardo Covões, Artur Cohen, Manuel Pereira Dias, Antonio José Correia e Alves Torgo, tomou posse no dia 1 do corrente, que lhe foi dada pela antiga vereação sob a presidencia do sr. Braamcamp, o qual pronunciou um breve discurso apropriado ao acto, em que se referiu á boa harmonia que sempre houve entre todos os vereadores da camara que dera por findos os seus trabalhos, e quanto havia a esperar para a boa gerencia dos negocios municipais da nova comissão, em cuja competencia de seus membros confiava plenamente, fazendo votos para que a sua gerencia seja proveitosa e propicia para o municipio de Lisboa.

No mesmo sentido discursou o vereador antigo sr. Nunes Loureiro, dizendo ainda que os cidadãos que formam a nova comissão eram garantia segura de continuarem a obra republicana que esta camara tem vindo fazendo desde a sua gerencia de mais de ha quatro anos.

Ao acto da posse assistiu todo o ministerio com o seu presidente sr. dr. Afonso Costa, o qual discursou por fim, com aquele brilho de palavra que lhe é peculiar, fazendo o elogio da Camara demissionaria, e quanto o governo tinha sido cuidadoso na escolha dos membros da Comissão que vão administrar os negocios do primeiro municipio do país.

Ao terminar fóram levantados vivas ao sr. dr. Afonso Costa, Braamcamp Freire e coronel Correia Barreto.



A verdade é como um grão imperceptível, vòna no ar e vae cahir não se sabe onde. Enterram-n'a debaixo d'um monte d'estrume; um bello dia ela surge como se fóra uma herva. Alguem que passe nota-a, apanha-a, e mostra-a a todo o universo.

A ARVORE E AS TRADIÇÕES DA HUMANIDADE

Revigora-se dia a dia o *culto da arvore*, e espiritos generosos deligenceiam enraizar bem fundo, no espirito das gerações novas do nosso país, o amôr esclarecido pela arboricultura.

Está celebrando-se em todo o país a *feira da arvore* e por isso solicitado, neste momento, a colaborar nesta antiga e veneranda revista portugüesa O OCCIDENTE, que vae realizar uma nova remodelação, entendi que nada melhor poderia oferecer-lhe, da minha modesta colaboração, do que algumas notas ligeiras ácerca das relações da arvore com a historia dos homens, afirmando assim, com este laço literario, o interesse da velha e remocada revista pelo problema palpitante que interessa a nacionalidade portugüesa, sob tantos pontos de vista, para a sua riqueza economica e para o seu aperfeiçoamento social.

Do *culto da arvore* tratei em tempo, num pepequeno artigo illustrado, nos *Serões* (1911) e para acompanhar dedicada mente a patriótica propaganda, desde ha muito preparo, para a BIBLIOTÉCA DA INFANCIA cuja direcção ha alguns anos me foi confiada, um volume intitulado A ARVORE, prestes a entrar no prélo. Quando em 1911 tive a honra e o prazer de, por ocasião do IV Congresso do Turismo, travar conhecimento com o sr. dr. A. Millon, um dos mais illustres membros do *Touring-Club de França*, dêle recebi a graciosa oferta do magnifico *Manual da arvore*, bellissimo livro popular ácerca da arvore, da floresta e do pastor serrano, que por aquela prestante corporação patriótica francesa de propaganda foi publicado e profusamente distribuido.

Desde logo manifestei o desejo de apropriar esse trabalho a uma identica propaganda nacional portugüesa. Esta idéa, que do proprio dr. Millon recebi lisongeiro aplauso, não teve logo ensejo de se pôr em prática, e, a despeito de ela ter sido brilhantemente aproveitada

pelo distinto agrônomo sr. Tude de Sousa, chefe na estação florestal do Gerez, no seu recente livro — *A Arvore, leituras florestaes* — só agora a BIBLIOTÉCA DA INFANCIA, cumprindo a promessa annunciada de ha muito nos seus prospectos, incluirá na sua colecção, no volume XII, o resumido esboço de tão util e patriótico livro.

E' pois de um dos capitulos ineditos do voluminho atualmente no prélo, que vou extrair as notas do presente artigo. Em antecedentes capitulos desenho succintamente as noções da organisação botânica da arvore e dos arvoredos, a utilidade e riqueza que advem dos pomares e oliveas, a nota sentimental de ornamento que a arvore imprime na aldêa, na quinta, nas ruas e nas praças; o delicioso encanto das arvores de alinhamento, de sombra e de abrigo, á beira dos rios, á beira das estradas; o proveito da floresta, na sua acção geologica e climaterica, na regularisação das cheias e das torrentes; os beneficios da siveicultura para a industria, para a defesa do solo e das culturas; os productos das florestas; as matas nacionaes e suas especies arboreas, etc., etc.

Queria porém especialmente referir-me neste capitulo ás arvores que pelas suas tradições, excepcional grandezza ou factos e pessoas historicas que a elas se prendiam, são para nós veneraveis reliquias cuja memoria, fixada até nos livros, perpetua a successivas gerações a lembrança dos homens illustres que as plantaram, que á sua sombra amiga se abrigaram alguma vez dos calores estivaes, ou que, por fim, sob seus anosos troncos vieram determinar sua ultima jazida.

Consagravam os povos mais antigos aos seus deuses e religiões arvores e florestas. Sob a ramaria densa dos arvoredos celebravam os druidas as suas ceremonias rituaes. Depois, ás festas publicas foram igualmente dedicadas as arvores simbolicas, da mesma forma que, na idade moderna, sob a Revolução Francêsa de 1789 e até na de 1848, se implanton o uso, tão altamente

significativo, da plantação das *árvores da Liberdade*, como rito novo da nova religião que tinha por dogmas a *Patria*, a *Egualdade*, a *Liberdade* e a *Fraternidade*. Vestiam essas árvores de laços e fitas bicolores, e até nas fronteiras da Suíça se plantavam árvores e idênticos, ditos da *Fraternidade* como vínculos perenes da amizade e união dos povos limítrofes.

olmo sombreiam as campas de nossos pais, e inspiram às gerações o respeito e a veneração que muitas árvores celebres, por varios motivos, igualmente conquistaram.

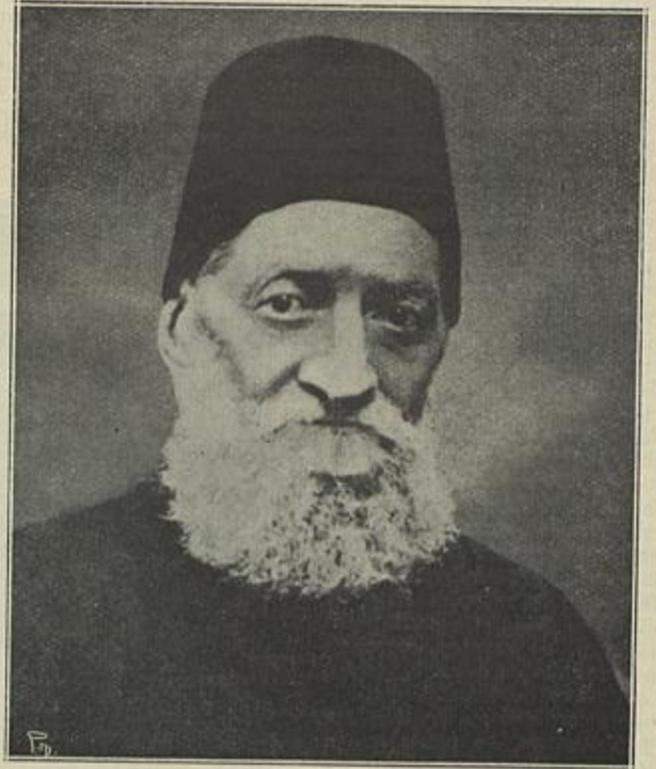
Fa'aremos rapidamente dos famosos cedros de Libano, que tem a mais antiga celebridade pela sua elevada copa de mais de 20^m de alto, cobrindo áreas de 40^m de diametro. Assim, tambem o

a rainha Joana de Aragão com o numeroso séquito de cem cavaleiros. Corria-lhe parelhas, segundo parece, o *carvalho de Guernica*, na Biscaia, á sombra do qual reuniam as assembléas publicas e os tribunaes, e se prestaram os solemnes juramentos dos reis catolicos Fernando e Isabel pela conservação dos *fueros* e privilegios dos povos biscainhos.

A GUERRA DOS BALKANS



MAHMUD CHEVKET PACHA
Grão-Viçir do novo governo e ministro da guerra



KIAMIL PACHA
Grão-Viçir deposto pelos Jovens Turcos



NAZIM PACHA
Assassinado pelos manifestantes ao invadirem a sala do Conselho



CORONEL ENVER BEY
Chefe do movimento dos Jovens Turcos

Destas *árvores da Liberdade* existe ainda uma em Paris, no Aquario Louvosi, plantada em 1848, e cuja conservação o governo francês expressamente recomenda em seus decretos de proteção aos edificios, monumentos e sitios pitorescos.

Assim, nos adros e nos cemiterios, desde remotos seculos, o cipreste funerario, o freixo e o

baobab da Senegambia, cujo tronco de 30^m de circunferencia cobria uma área de 50^m de diametro.

O *Castanheiro de Etna*, era o mais froadoso vegetal arboreo do globo, e chamavam-lhe o *dos cem cavalos* porque debaixo da sua rama era tradição se abrigára de uma temerosa tempestade

Carvalhos de Fontainebleau e de Vicennes, conquistaram celebridade na historia e não são menos dignos de citar-se nesta tão rapida como resumida resenha o carvalho de Francisco I, no Bosque de Boulogne, a arvore plantada por S. Vicente de Paula no jardinsito do presbiterio de Clichy, o *loureiro* que o poeta italiano Petrarca

A festa da Arvore promovida pela Liga Nacional de Instrução

plantou na sepultura de Virgilio, o doce poeta mantrano, a *amoreira* veneranda que cobria o tumulo do grande tragico inglês Shakespeare, e a que Milton plantara, em horas de desdita, á porta da sua residencia, ou a *nogueira* que, ainda creança, o grande filosofo Rousseau, plantara no adro do presbiterio de Bossey.

Assim, em paralelo com algumas destas arvores, e com o tão falado salgueiro, que em Santa Helena cobriu os restos de Napoleão, o grande, possuímos também em Portugal algumas arvores historicas, a que andam ligadas tradições ou acontecimentos, ou que simplesmente adquiriram nomeada local por suas gigantescas dimensões.

Citarei algumas que de momento me occorrem, e este registo poderá ser incentivo para se tornarem conhecidos muitos outros vegetaes arboreos do país, que bem o merecem pelas noticias que a tradição local lhes attribua.

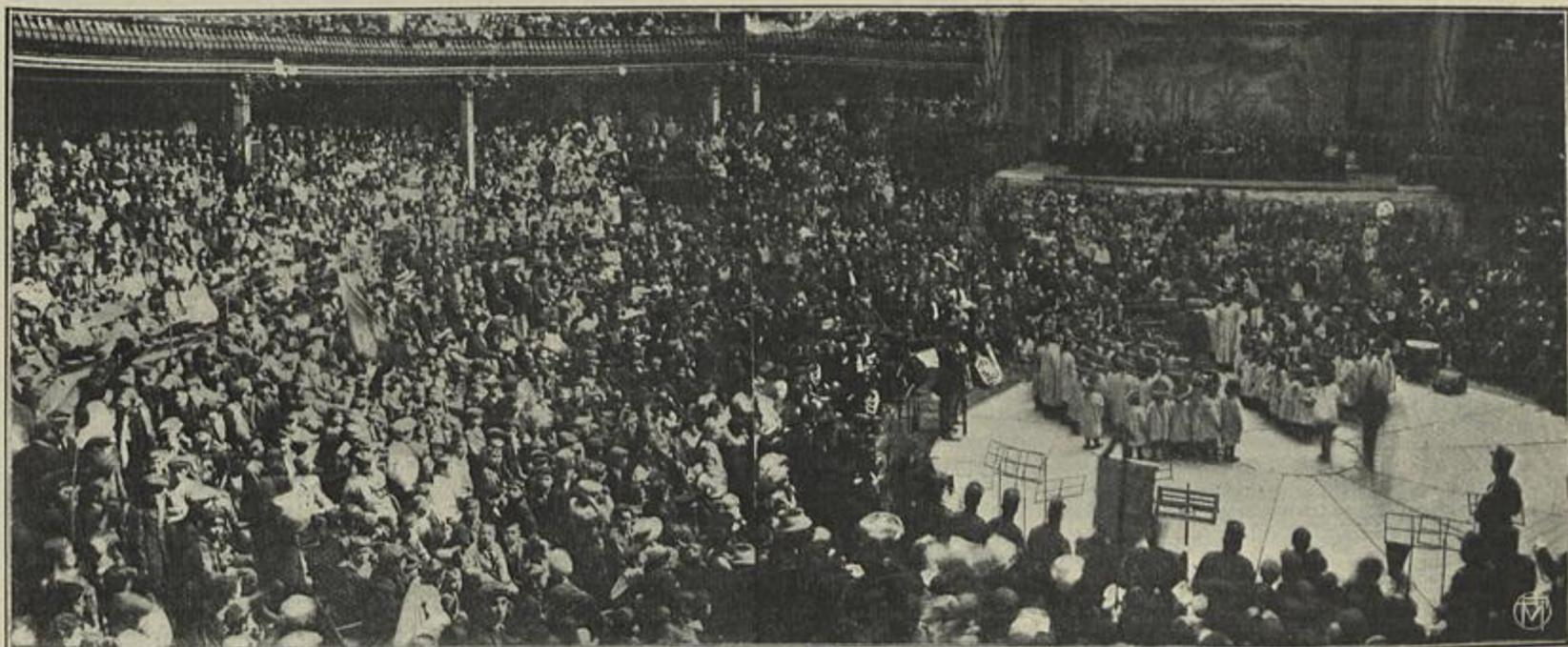
O espirito tão altamente illustrado e cheio da poesia dos passados tempos, como foi o do saudoso arqueologo e bibliofilo Gabriel Pereira, dei-



AS CRENÇAS DAS ESCOLAS DE LISBOA PLANTANDO A ARVORE



PLANTAÇÃO DA ARVORE PELAS CRENÇAS DA PAROQUIA CAMÕES



GRANDE FESTIVAL DA PLANTAÇÃO DA ARVORE PELAS CRENÇAS, NO COLISEU DOS RECREIOS, CEDIDO PARA ESSE FIM PELO EMPRESARIO SR. ANTONIO SANTOS

xou-nos em algumas paginas dos seus opusculos, a elegia sentimental da arvore. Referia-se elle ao grande pinheiro do convento de S. Bento de Evora que tombou em 1739. Era uma arvore enorme que «muitas gerações tinham conhecido, imponente na sua colina de granito. Os pinheiros de S. Bento são balizas, atalaias da cidade; quando a gente parte e olha por aqueles sitios são eles a ultima caracteristica que desaparece. Quando volta ou procura a cidade, a muitas leguas, eles marcam

a direcção. De muito longe, na vastissima paisagem do Alemtejo Central, o grupo dos pinheiros de S. Bento, e o elmo guerreiro da Sé, dão a linha inconfundivel da cidade».

«Eu gosto imenso de uma arvore antiga, o aspecto estranho das sobreiras seculares! Aqueles pilriteiros colossaes e velhissimos do claustro da Sé, que encanto! e a crista de galo da Porta da Moura que dizem ser do Brasil, a arvore dos papagaios. A palmeira e o freixo da porta do Louredo, dos srs. Torres, que, segundo ha tempos ouvi a um amigo do sitio, devem ter agora um seculo. Mais

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1226)

velho é o cipreste dos Remedios. A azinheira da Esparragosa também é antiga e marcante na paisagem. Os pinheiros mansos, os maiores que tenho visto estavam junto do monte de Cajados, entre Vendas Novas e Setubal; eram enormes, cada um abrigava na sua sombra densa, á vontade, 40 carros do Alemtejo; elevavam a grande altura as magestosas copas.

Como Gabriel Pereira sentia fundamento o amor da arvore! E escreve ele:

«Eu adoro uma arvore velha; tem o que quer que seja de sobrenatural, de eterno e impecavel, de fortaleza e de bondade. Acho poesia na azinheira grande da herdade dos Azinhaes, ou nas do Freixo. Que majestade nos seculares carvalhos dos Valados de Alcanede, abrigando sob os herculeos braços as velhas *antas* prehistoricas. Eu fiquei enlevado ao ver os castanheiros e platanos dos Pizões, em Monchique, as carvalheiras da Azoia, entre Leiria e a Batalha, o carvalho de D. Mafalda, na cerca do Convento da Costa, em Guimarães, o castanheiro da Senhora dos Remedios, em Lamego; a magnolia e a tilia grande do jardim botânico de Coimbra. Que lindo pensamento em collocarem o monumento de Brotero á sombra da formosissima magnolia que êle plantou.»

E felizmente se admira ali ainda hoje esse belo exemplar plantado pelo eminente botânico português e primeiro director daquelle horto, assim como no jardim botânico da Ajuda, de que também Brotero, como Vandeli, fôra director, se venera, entre outras especies orboreas de grande apreço, o colossal *dragoeiro*, o maior e o mais belo de Portugal.

O formosissimo cedro que cobre em Coimbra o poetico e lendario sitio da *Fonte dos Amores*, os cedros gigantes do Bussaco, e as belas palmeiras — *principes do reino vegetal*, como as denominou Lineu, e de que tão majestosos exemplares possuímos na tapada da Ajuda, na Estrela, e no Jardim Botânico de Lisboa, merecem igualmente aqui uma ligeira menção.

Citarei também o cedro secular que na Castanheira da Serra plantou o cego Castilho, o *mais poetico*, o *dulcissimo Castilho*, como lhe chamou Camilo.

No pateo do Saldanha, ao Giestal, antigo palacete que em 1807 serviu de quartel general a Junot, havia na quinta dois soberbos ciprestes, plantados um por Junot e o outro pelo marechal Beresford.

A campa do venerando marquês de Sá da Bandeira, em Santarem, era abrigada pela sombra de uma *nogueira* amiga, arvore simbolica do seu apelido, que por determinação sua ou dos seus descendentes ali fôra plantada. Esta arvore simbolica, porém, desapareceu.

De gigantes vegetaes, seria interminavel a lista. Apenas citarei por memoria, o enorme pinheiro manso, não ha muito derrubado, numa quinta de Alcalena, no Sardoal, o qual contava 300 anos, media 14 metros até á *forca*, dividindo-se nessa altura em dois ramos de 5 a 6 metros de comprimento. O tronco media 5 metros de circunferencia, e a sua madeira foi utilizada em construções navaes.

Formoso e gigantesco pinheiro era o do Cabo do Mato, perto de Vieira, o qual, com cerca de 200 anos de idade, acariciado pela brisa oceanica, balouçava a sua copa ramalhuda de 37 metros de altura, e sobre um tronco de 4 metros de circunferencia, como velha sentinela vigilante do pinhal de Leiria, posta á beira-mar! Mão traçoira o derrubou!

Rival na altura e na idade, ergue se na quinta da Mafarra, propriedade do dr. Oliveira Feijão, outro pinheiro, de dois seculos, cujo tronco mede 7 metros e meio de circunferencia e ergue a ramada verde-degra a mais de 35 metros de altura.

Na quinta de Gualdim, existe um velho e venerando cipreste, que se supõe plantado em 1600 e mede 23^m de alto, por 3^m,80 de circunferencia.

Outro curioso colosso, que felizmente presiste, é um castanheiro, em Aldorete, logarejo da comarca de Peso da Regua, cujo velho tronco mede 15^m,60 na base, onde se abrem buracos á feição de portas e janelas.

Finalmente, para fechar este rapidissimo esboço, lembrarei as *amoreiras* que tão providentemente o marquês de Pombal mandou plantar, com fins industriaes, amoreiras de que já nem uma existe, e que deram origem á designação toponimica, em Lisboa, de praça das *Amoreiras*, e á deliberação de cunho notavelmente historico e tradicional de ser a *amoreira branca* a especie vegetal, mui sensatamente escolhida para a FESTA NACIONAL DA ARVORE EM 1913.

VICTOR RIBEIRO.

Outro tanto praticava na direita da linha a *ala dos namorados*. Capitaneada pelo intrepido Ruy Mendes de Vasconcellos, e arvorando o seu pendão verde, symbolo da esperanza, fazia mil gentilezas d'armas, rechacando os castelhanos, e sustentando a sua posição como rochas impassiveis no meio das ondas embravecidas.

El-rei de Castella, enfurecido com tão obstinada resistencia, reúne forças consideraveis, junta-lhes os seus mais esforçados cavalleiros, e manda carregar o centro da nossa linha. E' tremendo e irresistivel o embate, pela rapidez do movimento, e porque o impelle um esforço desesperado. Debalde tentam os nossos soldados fazer de seus peitos um dique contra a torrente impetuosa. O centro da linha fraqueja emfim, cede ao peso descommunal que a opprime, rompe se, e franqueia o passo ao inimigo. Mas eis que assoma de improviso o mestre d'Aviz com a sua destemida phalange, e faz parar os que julgavam empunhar já a palma do triumpho.

E' alli que se empenha a luta mais encarnicada d'este dia memoravel. Em quanto as duas partes contrarias pelejam braço a braço, e arcam peito a peito, em duelo de morte, o mestre d'Aviz arremettendo com a espada em punho, e á voz de *Portugal!* e *S. Jorge!* pelo meio dos inimigos, desordena-lhes as fileiras, e leva diante de si o terror e a confusão.

Os castelhanos recuam espavoridos, e o primeiro passo que dão para a retaguarda é como o toque da trombeta chamando os portuguezes ao combate geral. O nosso pequeno exercito, animado pela presença do seu rei, estimulado pelo valor e coragem com que elle arrosta todos os perigos, move-se instantaneamente como um só homem, e arremeça-se unido contra o grosso do exercito castelhano.

N'este momento sae d'entre os nossos um guerreiro como raio despedido das nuvens. Vê-se logo tumultuarem os combatentes em torno d'el-rei de Castella, e em seguida o mesmo guerreiro rompe pelo meio da multidão, abrindo caminho com a espada, e trazendo em volta do corpo um panno de seda com brazão d'armas bordado de ouro. E' Antão Vasques d'Almada, que fôra arrancar das mãos do alferes mór de Castella a bandeira real, e que vinha radiante de gloria entregal-a ao rei de Portugal!

O inimigo, completamente desordenado, não disputou por mais tempo a victoria. Aquelle grande e lustroso exercito, que pouco antes ameaçava conquistar Portugal, fugiu vergonhosamente disperso e perseguido por um punhado de valentes.

El-rei de Castella foi tão precipitado na fuga, que nada salvou da sua recamara, e tão só e occulto entrou em seus estados que por algum tempo o julgaram morto na batalha os seus vassallos (1).

O campo ficou juncado de castelhanos mortos no rijo da acção, porém a maior mortandade foi-lhes feita depois de acabada a peleja, deixando-se os fugitivos apanhar quasi sem resistencia. Os escriptores castelhanos calculam a perda do seu exercito em dez mil homens, contando-se em o numero dos mortos muitos fidalgos das principais familias de Hespanha.

Foi riquissimo o despojo da batalha, pois caíram em poder dos portuguezes o arraial do inimigo com todas as bagagens, em que havia grandes riquezas, por quanto, segundo o costume da epocha, os mais ricos fidalgos do sequito d'el rei de Castella, entre os quaes se via o infante D. Carlos, herdeiro do throno de Navarra, traziam consigo custosas baixellas de prata.

O despojo foi repartido entre os soldados; o mestre d'Aviz apenas tirou da tenda real doze anjos de prata, e o oratorio, também de prata com obra de esmalte, em que D. João I de Castella ouvia missa todos os dias; e d'estes tropheos fez doação á collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães.

A batalha de Aljubarrota ficou commemorada em nossos fastos militares como o mais glorioso feito d'armas dos portuguezes. A gravidade das

circunstancias em que se achava o paiz; a desigualdade das forças combatentes; a desvantagem do terreno para os nossos, sendo o inimigo tão superior em cavallaria; a brevidade com que foi alcançado o triumpho, pois dizem que bastou meia hora de combate para aquelles pouco portuguezes desbaratarem tão poderoso exercito; emfim, as consequencias d'este triumpho, que assegurou a independencia da nação, e que firmando a corôa na cabeça do mestre d'Aviz, lançou os fundamentos á epocha mais verdadeiramente gloriosa de Portugal; todas estas razões dão, sem duvida, áquelle batalha o logar mais honorifico entre as victorias dos portuguezes.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira edificou a ermida de S. Jorge, como padrão do sitio onde teve começo a peleja, e mais tarde fundou o convento do Carmo, em Lisboa, com a invocação de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. E o mestre d'Aviz não tardou a cumprir o seu voto, erigindo, a pouca distancia do logar do combate, como digno monumento de tão assignalado feito, o *Convento de Santa Maria da Victoria*, que por sua riqueza e perfeição artistica se tornou celebre em toda a Europa sob o nome popular de *Convento da Batalha*.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.



Grandes Vultos Portuguezes

II — Gil Vicente

POR

J. J. de Brito Rebêlo

Livraria Perin — 1912

Os estudos históricos a que os contemporaneos se não dedicam muito, proferindo-lhes assuntos de mais prontos resultados e de prática menos fastidiosa, tem contudo tido entre nós cultôres de indiscutivel valôr e autoridade que com os seus esforços tenacissimos e as luzes do seu espirito muito tem contribuido para o esclarecimento de vultos que chegaram até nós apenas perceptíveis em traços apagados e quasi indecifráveis ou em documentos que carecem de absoluta confirmação.

Gil Vicente, que floresceu no décimo quinto para o décimo sexto século, tem sido debatido largamente pelos investigadores históricos e litterários. A vida do poeta que foi o fundador do teatro português apparece-nos envolta numa nuvem de mistério por falta de documentos coevos que no-la esclareçam completamente.

A sua obra que se exalta pelo seu espirito critico, mordaz, profundo, permite collocá-lo a par dos grandes corifeus da Comédia.

De *Gil Vicente* alguma coisa temos mais do que essa glória nacional. A ourivesaria nessa epocha era uma das artes em que os portuguezes mais se distinguiram como o atestam peregrinas obras de arte. A custódia do convento dos Jerónimos, essa maravilha de perfeição a que o estylo manuelino dá uma beleza grandiosa, é obra também de um Gil Vicente, cujo nome não menos honra a sua terra.

Se Gil Vicente, ourives, não era o mesmo que Gil Vicente, poeta, é o ponto controverso da questão que já de ha muito vem preocupando os nossos investigadores históricos.

Não é a primeira vez que o sr. Brito Rebêlo traz a público o fruto dos seus laboriosos trabalhos sobre Gil Vicente.

Em 1902 publicou — *Ementas Historicas*, II — Gil Vicente, editado pela Empresa do OCCIDENTE e nesta revista inseriu artigos sobre o mesmo tema.

Nessa sua obra mostrava-se o erudito investigador indeciso sobre o caso de o ourives e o poeta serem ou não duas pessoas distintas.

No seu novo trabalho, o sr. Brito Rebêlo, apesar de acrescentar á profusa documentação da sua obra anterior um *fac-simile* da assinatura de Gil Vicente encontrada na vasta colecção do Corpo Cronológico da Torre do Tombo, a qual diverge de uma outra que autentica um recibo assinado vinte anos antes, não conclue categoricamente que tivessem existido nessa epocha um

(1) Este soberano fugiu para Santarem, e d'alli viu embarcado ate Lisboa, onde passou para bordo de sua armada, que estava fundeada no Tejo d'onde logo saiu em direcção á Andaluzia.

poeta e um ourives homónimos. Termina assim o sr. Brito Rebêlo:

«Não estando ainda completamente esclarecida a dúvida acerca da individualidade de Gil Vicente, poeta e ourives. . . .»

Este livro, que é uma refundição da *Ementa Histórica* já citada, contém além do documento a que me referi uma tentativa cronológica acerca de Gil Vicente e sua família e um apêndice bibliográfico.

Nunca será demasiado repetir o nome de Gil Vicente ourives ou poeta, porque estas questões que servem para alcançar o máximo rigor histórico, conseguem também despertar atenções e servir de incentivo àqueles que por esta forma querem bem servir a sua pátria, engrandecendo-lhe o seu património intelectual.

A. N.

NECROLOGIA

José Thomaz Coelho

Se a morte é uma lei fatal a que ninguém se esquivava, é também uma lei caprichosa, que tanta vez e não contenta, com sua cega voragem, em levar os velhos e invalidos que já não podem vi-

nhos, os afétuosos irmãos, tios e amigos, que eram de José Thomaz Coelho, e a quem ele queria e amava com a sua boa alma e coração cheio de afetos para todos.

Cêdo pagou o irremissível tributo, como seu pae também cêdo o pagou, Eduardo Coelho, esse homem bom e infatigável na sua obra, que tanto desbravou caminho para que outros podessem caminhar, e nessa labuta se extenuou e por fim cahiu exausto.

José Thomaz Coelho, filho do fundador do *Diario de Noticias*, era hoje um dos proprietarios daquele jornal, e, embora não fizesse parte da redacção, como seu irmão e seu cunhado nos queridos amigos Eduardo Coelho e dr. Alfredo da Cunha, ele vivia na boa camaradagem de todos os redactores do *Diario de Noticias*, empregando a sua actividade em outros negocios para que mais se inclinava, tendo também grande paixão pela caça de que era um dos mais distintos devotos de Santo Humberto.

Como tal era muito conhecido em quasi todo o país, especialmente no sul. Em Coimbra e ainda muito novo, ele experimentou, suas primeiras armas e desde logo deu a conhecer de forma distinta a inclinação que tinha para esta arte.

Na carreira de tiro, em Lisboa, ele foi sempre dos mais distintos atiradores, obtendo por vezes honrosas classificações nos concursos em que entrou, sendo um dos socios mais prestimosos do Grupo Patria dos atiradores vans.

Como seu pae, filho do povo, ele tinha o culto da liberdade e amava o ideal de uma republica liberal, em que a liberdade e a fraternidade não fôsem palavras vans.

O funeral de José Thomaz Coelho, foi prova eloquente de quanto ele era amado, estimado, em todas as classes, desde as associações populares de que fazia parte, até aos de mais elevada posição social, que de toda a parte fôram enviadas condolencias á familia, incluindo as que enviou o Chefe do Estado, pelo seu secretario.

Todas as consolações que os vivos podem dar aos que perdem um ente querido, teve-as a estimada familia de José Thomaz Coelho e, juntando a estas as nossas condolencias, o fazemos com verdadeira magua.

C. A.

Dr. Tito Vespasiano Castelo Branco

No dia 23 de janeiro faleceu o sr. dr. Tito Vespasiano Castelo Branco, delegado do ministerio publico, na 5.ª vara, sendo o mais antigo da sua classe nos tribunales da Comarca de Lisboa.

Se vieramos simplesmente falar do magistrado teriamos a dizer que o dr. Tito Castelo Branco era sapiente, integro e justo, o que não é, felizmente, raro na magistratura portuguesa; mas mais alguma coisa do que isto, se encontrava no respeitavel magistrado, que não é vulgar, os dotes de um coração bondoso, que poderão ser egualados, mas nunca excedidos!

A bondade distinguio o homem tanto ou mais do que o magistrado, no superior desempenho do seu alto cargo.

Alma de poeta, todo o prosaismo esmagador dos autos em que teve que viver, não lhe estrangulou o amor do Belo, nem o misticismo da sua crença. Assim, ele amava a sublime arte da musica, como amava as flôres que eram todo o seu encanto, sendo um devotado cultor, no seu horto de Linda-a-Velha, onde cultivava especies raras e se desvanecia com os soberbos cravos, que tantas vezes lhe valeram honrosos premios de exposições. Seu coração alumiado por uma alma de eleito, todo se comprazia em fazer bem, com aquele preceito que manda o Evangelho, sem

olhar a quem!... Ora no desempenho das suas funções de magistrado, sem menosprezo da justiça, antes procurando a equidade, ora na sua vida particular praticando quanto bem podia, o dr. Tito Casteló Branco era um bom por excelencia, sempre pronto a acudir onde o seu valimento podesse utilizar.

Com uma alma tão bem formada, não podia abrigar nela esse ruim sentimento, aliás tão vulgar na humanidade — a negra ingratidão.

O dr. Tito recordava sempre o homem que fôra o seu protétor, D. Antonio Alves Martins, o benemerito bispo de Vizeu, de quem ele dizia dever-lhe tudo quanto era, pois o ajudara na sua formatura de bacharel em direito e o encaminhara na sua carreira forense.

Nasceu o dr. Tito Vespasiano Castelo Branco, pelos anos de 1850, em Castelo Branco, e, depois da sua formatura, veiu para Lisboa em 1886, sendo, por decreto de 18 de novembro deste ano, nomeado agente privativo do ministerio publico do Tribunal Administrativo. Em 1889 foi transferido para a 5.ª vara da Comarca de Lisboa. Por decreto de 24 de setembro de 1898, passou para Vila Franca de Xira, e neste mesmo ano, transferido novamente para Lisboa, por decreto de 15 de dezembro, falecendo no exercicio deste cargo.

Quem escreve estas linhas honrou-se com a sua amizade e bastante se maguou com a morte deste amigo cujas qualidades de coração se mediam pelos dotes de sua inteligencia, o que era geralmente apreciado e bem se patenteou no contristado acompanhamento de amigos que levou até á sepultura.

O dr. Tito Vespasiano Castelo Branco deixa uma filha, D. Maria Castelo Branco Arantes, intelligentissima senhora, casada com o sr. Hemiterio Arantes, distinto escritor, e um nêto, creança também muito inteligente, que era o enlevo do avô.

A todos enviamos nossos sentidos pezames.

C. A.



Recebemos as seguintes obras que desde já agradecemos a seus autores e editores e de que oportunamente se fará a apreciação:

Boletim Bibliografico da Academia das Sciencias de Lisboa. — Primeira serie, volume 1, fasciculo n.º 2, outubro, 1912. Imprensa Nacional, Lisboa.

Luz e Sombra. — *Dialogo em verso*, por Levy Bensabat. Tipografia do Comercio, Lisboa.

O Despotismo, por F. A. Pinto, juiz de 2.ª instancia. Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, Lisboa, 1912.

Portugal. — *Dicionario Historico, obra illustrada com centenares de gravuras e redigida segundo os trabalhos dos mais notaveis escritores.* João Romano Torres & C.ª, editores, Lisboa. Tomo 83.

Diccionario Universal Ilustrado, Linguistico e Enciclopedico. — Dirigido por Eduardo de Noronha. João Romano Torres & C.ª, editores, Lisboa. Tomo 29 que alcança até á palavra Bragança.

Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal. — Director, o secretario da Sociedade. Editor, Agostinho Lourenço. 6.º ano, n.º 10, outubro de 1912.

Educação, revista quinzenal de Pedagogia. — Editada pela Sociedade Promotora de Escolas, fundadora da Escola-Oficina n.º 1, Largo da Graça, 58, Lisboa. N.º 1 da 1.ª serie, 15 de janeiro de 1913.



JOSE THOMAZ COELHO

ver, e vai ceifar suas vitimas entre os novos, entre aqueles que podiam viver e serem uteis á sociedade.

Assim succedeu agora com José Thomaz Coelho arremessado de subito para a algidez do tumulo, aos quarenta anos, na idade mais viril do homem, cheio de saude e de vida, no goso pleno da sua actividade, quando o presente, porventura, lhe sorria e o futuro, esse impenetravel segredo que os mortaes não podem descobrir, é certo, mas, pelo menos, se mostraria auspicioso.

E a morte veiu, e com um sópro apenas, num momento derrubou o robusto tronco para a terra, e com as suas azas negras cobriu de luto uma familia, a carinhosa esposa, os estremecidos filhi-



TEATRO DA «REPUBLICA» — «O ASSALTO», 3.º ACTO, SCENA DE AUGUSTO ROSA E ESTHER DURVAL.

PELOS TEATROS

República

Bernstein tem o seu teatro. Teatro em que se analisam as paixões humanas entrechocando-se, os hábitos que resultam do seu comércio e o comércio que resulta dos hábitos. Colhe scenas da vida dos grandes centros, despe-se de idealismos, adstringe-se à realidade comum, indiscutível, verdadeira. Eleva-se à mais terna ignomínia no *Après Moi* para nos mostrar uma sociedade corrupta. O que conduz as suas personagens?

Um fatalismo grosseiro, uma consequência inevitável do meio. Nisto difere um pouco o *Assalto* que ora está sendo representado neste teatro.

O protagonista, Alexandre de Mérial, é um chefe político que atinge então o auge da sua carreira e que está no momento em que todas as atenções convergem para ele.

E' nesse momento que se effectua o *assalto*. Os seus inimigos empregam todas as armas para o derrubar. Mérial na sua mocidade tinha cometido um roubo. Trinta anos se tinham passado após isso, trinta anos de vida proba.

Eis que um dos seus amigos políticos pensa em derrubá-lo fazendo, por intermedio de um terceiro, reviver a questão.

Mérial, porém, descobre a trama e o seu autôr e mais as provas da maneira ilícita como o seu adversário tinha adquirido fortuna. Propõe-lhe que em troca dêse segredo êle lhe faça alcançar a vitória no tribunal onde vai ser julgado o pleito. Nesse terrível momento da vida em que tudo conspira contra nós e em que é preciso ser-se forte viu-se êle tambem abandonado por todos, pelos amigos e pelos proprios filhos, que suspeitaram que fôsem verdadeiras as acusações. Junto dêle vivia uma rapariga de vinte e cinco anos, Graça, uma creatura encantadora que por êle se apaixonou e lhe declara o seu amor, amor de creança, no momento em que começa o assalto.

Só ella tem confiança, só ella está certa da inocência daquêle a quem ama. E é preciso que êle lh'o diga, que lhe faça a confissão cruel para que ella o acredite.

Não o esperava, por certo, porque o colocava muito alto.

No tribunal êle vence, a justiça condena o caluniador. E' dêle a vitória.

Graça rejubila. Ele julga tê-la perdido. Que admirável narrativa essa do terceiro acto em que

êle descreve a sua vida passada! Ella ama o ainda e orgulha-se com o seu amor.

Vamos encontrar nesta peça o mesmo dialogo primoroso e cuidado, a mesma unidade, a mesma intensidade dramática das outras suas peças.

Graça é uma criatura singular que pela primeira vez encontramos em Bernstein.

Mérial é mesmo um tipo invulgar de político integro.

De resto, é uma peça forte, admiravelmente feita, em que se encontram as maneiras características do autôr, tais como as resoluções subitas e inesperadas, a espontaneidade dos sentimentos manifestando-se independentes das convenções sociais, etc.

O protagonista é desempenhado por Augusto Rosa que lhe dedica grande parte do seu saber e da sua arte e que foi admirável. Carlos d'Oliveira destacou-se tambem sobremaneira e desempenhou o seu papel por fórma a merecer os mais rasgados elogios. Estreiou-se nesta peça a nova actriz Esther Durval.

A tradução foi feita pela sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho o que importa dizer que é meticolosa como outra coisa não era de esperar da brilhante escritora.

A. N.

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis,
nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.500 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CONTRA A TOSSE

LABORE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata » » » . 240 »

A' venda em todas as pharmacias